

Poluição pode ter afetado águas na Amazônia

Cientistas fazem alerta no encerramento da reunião especial da SBPC em Manaus

JANAÍNA SIMÕES

Enviada especial

MANAUAS – Os pesquisadores estão descobrindo que a poluição já pode ter afetado não só rios, mas lençóis freáticos na Amazônia. “Ela já começa a aparecer em águas subterrâneas de Belém, próximo de lixões”, disse ontem o cientista Antônio dos Santos, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), na 7.ª Reunião Especial da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Como os estudos sobre o problema ainda estão em fase inicial, os cientistas não sabem se essa contaminação se espalhou e como afeta os rios que são formados pelos lençóis freáticos.

A questão da água é ainda mais preocupante para o pesquisador Reynaldo Luiz Victória, da Universidade de São Paulo (USP), porque, para ele, pouca atenção se dá aos problemas da Bacia Amazônica. “Isso fica em segundo plano e parece que as pessoas se esquecem que a Amazônia forma a segunda maior bacia fluvial do mundo.” Ele falou sobre o assunto durante a apresentação de sua pesquisa sobre o impacto das mudanças do uso e cobertura do solo na bacia do Ji-Paraná, em Rondônia, e quais mudanças esses processos provocam na qualidade das águas. Segundo ele, isso ocorre porque é mais visível para as pessoas a derrubada de uma árvore ou o sofrimento de um animal que perde seu habitat por conta da intervenção humana.

Os estudos em rios de grande volume de água, como o Amazonas, não permitem identificar o impacto da ação humana, exatamente por haver muita água, daí a escolha do pesquisador pela bacia do Ji-Paraná, que é de média escala. Ao fim da pesquisa, Victória e sua equipe vão produzir um mapa da região digital georreferenciado (ou seja, com marcações de pontos geográficos).

Reserva – O Brasil tem 12% de toda a água do mundo e 70% desse volume está na Amazônia. A floresta, como um todo, abriga um quinto da disponibilidade mundial de água doce e o País detém 69% da área total da Amazônia. O índice de chuvas atinge 15 trilhões de metros cúbicos por ano e 48% dessa água é utilizada ou evapora. Os outros 52% são escoados pelos rios. Só o Amazonas tem 17% de toda a água da região.

Santos propôs uma série de medidas para o problema da água na Amazônia. A primeira é ampliar os estudos sobre a água de superfície e a subterrânea. O zoneamento ecológico-econômico, disse, deve ter como referencial as bacias hidrográficas e a necessidade de consolidar a aplicação do Código Florestal e da lei que criou o Sistema Nacional de Recursos Hídricos.

Fortalecer os municípios para que possam atuar em educação ambiental e monitoramento das matas ciliares é outra sugestão. “O governo deveria também criar programas e atividades de recuperação de áreas degradadas e recompor as minibacias na zona urbana, que precisam de obras de saneamento básico.” Além disso, afirmou, intensificar a vigilância sobre os

poluidores das águas e determinar o nível de poluição são ações básicas que precisam ser adotadas pelas autoridades.

Isolamento – Já o antropólogo Otávio Velho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), disse que a maioria dos pesquisadores brasileiros ignora o que é produzido em outros países da Amazônia.

“Apesar de alguns esforços louváveis, boa parte dos pesquisadores, e falo antes de mais nada dos do Sul do País, ainda age como se os limites da Amazônia se restringissem às fronteiras nacionais.”

“A integração é importante para que fiquemos fortalecidos frente ao interesse internacional pela região”, disse. “Isso pode ser um elemento de política externa importante.”

